



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS

GILSON BERTONI QUEIROZ
LOHANE CHRISTINE ALMEIDA RODRIGUES

USO DE ANSIOLÍTICOS ENTRE DISCENTES DA ÁREA DE
SAÚDE DE FACULDADES DO INTERIOR DE SÃO PAULO

FERNANDÓPOLIS
2019

**GILSON BERTONI QUEIROZ
LOHANE CHRISTINE ALMEIDA RODRIGUES**

**USO DE ANSIOLÍTICOS ENTRE DISCENTES DA ÁREA DE
SAÚDE DE FACULDADES DO INTERIOR DE SÃO PAULO**

Artigo científico apresentado à Banca Examinadora do Curso de Graduação em Farmácia da Fundação Educacional de Fernandópolis como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Farmácia.

Orientador: Prof. Me. Giovanni Carlos de Oliveira

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS

2019

USO DE ANSIOLÍTICOS ENTRE DISCENTES DA ÁREA DE SAÚDE DE FACULDADES DO INTERIOR DE SÃO PAULO

USE OF ANSIOLYTICS AMONG STUDENTS IN THE HEALTH AREA OF INTERIOR SÃO PAULO

¹QUEIROZ, Gilson Bertoni;¹RODRIGUES, Lohane Christine Almeida; ²OLIVEIRA, Giovanni Carlos.

E-mail: gilson_bertoni@yahoo.com.br

ABSTRACT: *Anxiety is a universal problem and has been increasing significantly, especially among college students. And with this the use of psychotropics is also increasing among them. Health students deserve special attention as they deal directly with their patients. Hence the urgent need to inform and guide these future professionals. In this sense, the information collected in the present study with health students enrolled at Fernandópolis Integrated Colleges (FIFE) aims to identify their profile regarding the use of psychoactive substances, to verify the prevalence of anxiety, the orientation regarding their use, risks and undesirable effects of these substances. Suggest possible solutions to college managers for university students, thus prioritizing the improvement of the quality of life of these future professionals and promoting the rational use of medicines. This is a cross-sectional and descriptive study of qualitative and quantitative approach conducted in students of Fernandópolis Integrated Colleges of health courses. Of the 660 students who participated in the study, 124 (19%) were using ansiolytics, 223 (34%) have already used anxiety, 528 (80%) consider it anxious or have been diagnosed, and 301 (46%) are anxious and do not use it. made use of medicines. The most commonly used ansiolytics were from the Selective Serotonin Reuptake Inhibitors (SSRI) class such as fluoxetine and sertraline and benzodiazepines (alprazolam, diazepam, clonazepam). It is important for the faculty to offer student orientation services, a university-oriented service center, activities that develop their potential and autonomy and that awaken the "taking care of oneself" to take care of the other, so that they form multipliers of the rational use of medicines and educational information for their patients.*

RESUMO: A ansiedade é um problema universal e vem aumentando expressivamente, principalmente entre os jovens universitários. E com isso o uso de psicotrópicos está cada vez mais crescente também entre eles. Os discentes da área da saúde merecem atenção especial, uma vez que lidam diretamente com seus pacientes. Por isso a necessidade urgente de informar e orientar esses futuros profissionais. Nesse sentido as informações coletadas no presente estudo com os estudantes universitários da área da saúde ingressos das Faculdades Integradas de Fernandópolis (FIFE) visam identificar o seu perfil quanto ao uso de substâncias psicoativas, verificar a prevalência de ansiedade, a orientação quanto ao uso, riscos e efeitos indesejáveis dessas

¹Acadêmico(a) do curso de Farmácia das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE, Fernandópolis-SP.

²Mestre em Ciências Farmacêuticas, orientador e professor do curso de Farmácia das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE, Fernandópolis-SP.

substâncias. Sugerir possíveis soluções aos gestores das faculdades para os universitários priorizando assim a melhora da qualidade de vida desses futuros profissionais e promover o uso racional de medicamentos. Trata-se de um estudo transversal e descritivo de abordagem quali-quantitativa realizado em alunos das Faculdades Integradas de Fernandópolis dos cursos da área da saúde. Dos 660 alunos que participaram do estudo, 124 (19%) estavam utilizando ansiolíticos, 223 (34%) já utilizaram, 528 (80%) consideram ansiosos ou já foram diagnosticados e 301 (46%) são ansiosos e não fazem uso e nem fizeram uso de medicamentos. Os ansiolíticos mais utilizados foram da classe dos Inibidores Seletivos da Recaptação da Serotonina (ISRS) como a fluoxetina e a sertralina e dos benzodiazepínicos (alprazolam, diazepam, clonazepam). É importante que a instituição de ensino ofereça serviços de orientação ao aluno, núcleo de atendimento direcionado ao universitário, atividades que desenvolvam seu potencial e autonomia e que despertem o “cuidar de si” para cuidar do outro, para que formem multiplicadores do uso racional de medicamentos e de informações de cunho educativo para os seus pacientes.

Palavras-chaves: ansiolíticos; universitários; ansiedade; psicotrópicos; benzodiazepínicos; substâncias psicoativas.

INTRODUÇÃO

O aumento das prescrições de ansiolíticos, incluindo os benzodiazepínicos para o tratamento de ansiedade, revela os inúmeros problemas emocionais enfrentados na sociedade moderna, como a alta carga de trabalho, insegurança profissional, ambiente familiar caótico, ressaltando a instabilidade emocional (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

Os transtornos de ansiedade vêm aumentando expressivamente no último século, principalmente entre os universitários. A vida estressante, longas horas de estudo, perspectiva do futuro causam instabilidade emocional (MARCHI et al, 2013).

As adaptações e mudanças de hábitos e na rotina dos universitários que passam a enfrentar uma vida independente, morando sozinhos e agindo com autonomia, enfrentando os desafios acadêmicos, são situações que levam à depressão, ansiedade e ao estresse (CHAVES et al, 2015).

Os estudantes do ensino superior da área da saúde merecem atenção especial no estudo e diagnóstico de casos de ansiedade, pois lidam de forma direta com o paciente, o que gera um sentimento de insegurança profissional e leva ao desenvolvimento de crises de ansiedade recorrentes.

O consumo de psicotrópicos pelos estudantes, ou seja, a necessidade de informações sobre os níveis e padrões de autoconsumo na universidade, de drogas

psicotrópicas é urgente, uma vez que o uso abusivo dessas substâncias promove uma expectativa de vida menor entre eles (MATTE; PLETSCHE, 2014).

Nesse contexto as informações coletadas no presente estudo dos estudantes universitários da área da saúde ingressos das Faculdades Integradas de Fernandópolis (FIFE), visam identificar o seu perfil quanto ao uso de substâncias psicoativas, verificar a prevalência de ansiedade, a orientação quanto ao uso, riscos e efeitos indesejáveis dessas substâncias.

Sugerir possíveis soluções aos gestores das faculdades para os universitários priorizando assim a melhora da qualidade de vida desses futuros profissionais e promover o uso racional de medicamentos.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Os transtornos psicológicos vêm aumentando no último século, sendo a ansiedade um dos problemas que se destaca entre as pesquisas, devido as mudanças socioculturais e econômicas, e as pressões decorrentes de uma sociedade moderna, competitiva e tecnológica (MARCHI et al, 2013).

A ansiedade é um problema a nível universal, envolvendo uma mistura de combinação de sentimentos, medo, inquietação, preocupação e estresse. Segundos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) os transtornos de ansiedade afetam 9,3% da população brasileira, sendo relacionadas principalmente as mudanças da sociedade moderna (COSTA et al, 2017).

Ansiedade pode ser definida como reação natural que motiva o indivíduo a alcançar seus objetivos, porém em níveis elevados pode se tornar patológica, e ao invés de contribuir acaba dificultando e impossibilitando a capacidade do indivíduo enfrentar as situações vivenciadas no dia-a-dia (CHAVES et al, 2015).

Ansiedade pode ser definida também como estado desagradável de apreensão, inquietação e medo que as vezes é de origem desconhecida. Os sintomas físicos de ansiedade grave são (taquicardia, sudorese, tremores e palpitação). Episódios de ansiedade leve são experiências comuns na vida e não justificam tratamento. Os sintomas de ansiedade crônica, intensa e debilitante podem ser tratados com fármacos ansiolíticos ou outras alternativas comportamentais e psíquicas (MATTE; PLETSCHE, 2014).

É percebido no modelo de vida atual, elevado nível de estresse entre os indivíduos, e assim, aumentando a procura por substâncias que deem bem-estar, sendo os medicamentos ansiolíticos, os mais buscados para esta finalidade (NUNES; BASTOS, 2016).

Os ansiolíticos são medicamentos que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC), controlando o nível de ansiedade com efeitos que influenciam nas emoções, humor e comportamento (FÁVERO; SATO; SANTIAGO, 2017).

A incerteza quanto à escolha da profissão é vivenciada por diversos jovens ao prestar vestibular e isso, aumenta os níveis de estresse e ansiedade pelo motivo da cobrança pessoal e também familiar que pode não concordar com a opção profissional (CASSIMIRO, 2012).

A frequência de ansiedade e depressão é relatada entre os acadêmicos da área da saúde, e um dos motivos é a transição entre a vida escolar de adolescente, para aluno universitário e ambiente de trabalho, os quais são momentos significativos de estresse (CARVALHO et al, 2017).

Os estudantes da área da saúde apresentam maior nível de ansiedade e estresse em relação às outras áreas profissionais, pois este tem contato direto com o ser humano (COSTA et al, 2017).

Os estudantes universitários contam com diversos fatores ansiogênicos: incerteza sobre seu futuro profissional, cobrança pessoal, expectativa dos familiares, situação financeira, convivência com outras pessoas. Para a maioria dos estudantes é a saída do seio familiar, longas horas de estudos e horários desordenados de sono. Tais situações exaustivas levam os indivíduos a procurarem alguma forma de tratamento no intuito de minimizar tais sintomas, seja com o uso de psicofármacos ou psicoterapias (MARCHI et al, 2013).

Os profissionais e os estudantes da área da saúde tornam-se um grupo vulnerável devido ao seu conhecimento sobre o uso de substâncias psicoativas, aliados ao estresse no trabalho, uso de drogas e álcool (TEIXEIRA et al, 2008).

O uso dos benzodiazepínicos na medicina teve seu início nos anos 60, sua substância ativa descoberta acidentalmente foi o clordiazepóxido, estudada por Leo Sternbach (OLIVEIRA; LOPES; CASTRO, 2015).

Hoje são os hipnóticos mais utilizados, substituindo os barbitúricos, pois apresentam maior índice terapêutico e menor potencial para dependência física (MATTE; PLETSCHE, 2014).

Os medicamentos psicotrópicos atuam no sistema nervoso central, e são classificados em quatro categorias, os ansiolíticos-sedativos, antipsicóticos, estabilizadores de humor e os antidepressivos. O principal representante da classe dos ansiolíticos são os benzodiazepínicos, como o alprazolam, clonazepam, midazolam e o diazepam, seus efeitos incidem sobre o humor e as emoções dos indivíduos (FÁVERO; SATO; SANTIAGO, 2017).

Os benzodiazepínicos são utilizados principalmente pelo gênero feminino e também pelos idosos com finalidade de estimular o sono. Pode apresentar efeitos adversos como sonolência, falta de memória e diminuição da atividade psicomotora (NUNES; BASTOS, 2016).

No que se refere às mulheres, além de estar no mercado de trabalho, não exime do seu papel principal como responsável do lar e da família ficando, portanto, mais suscetível aos sintomas de ansiedade (SOUZA; OPALEYE; NOTTO, 2013).

Embora as prescrições de benzodiazepínicos sugerem que a duração do tratamento se limite a algumas semanas, pode durar meses ou anos, mesmo que as evidências demonstram a perda de benefícios com o tempo, e a permanência dos efeitos adversos, como desenvolvimento de tolerância, abstinência e dependência, caso o tratamento ultrapasse 4 a 6 semanas (MATTE; PLETSCH, 2014).

A orientação médica é muito importante para ter o conhecimento, adesão e efetividade da terapia benzodiazepínica além de prevenir quanto aos efeitos colaterais e a dependência que o medicamento pode causar (MARCHI et al, 2013).

Dentre os medicamentos mais prescritos no mundo, os benzodiazepínicos é líder em prescrições. Estima-se que o consumo dos benzodiazepínicos, pela população mundial, dobra a cada cinco anos. Sua principal ação é como hipnótico, ansiolítico, miorrelaxante e anticonvulsivante. A prescrição médica é muito importante para minimizar efeitos colaterais e reincidências. O acompanhamento farmacológico periódico é de extrema importância para obter maiores resultados quanto à qualidade de vida do paciente e o monitoramento da dose. Vale ressaltar que a escolha da prescrição por uso de benzodiazepínicos deve levar em conta a conduta do paciente com relação ao tratamento, investigando os pacientes com históricos ou propensos a utilização de drogas ilícitas (AUCHEWSKI et al, 2004).

O crescente uso de benzodiazepínicos para o alívio do estresse e ansiedade gera uma preocupação quanto a falta de informação sobre as consequências do uso crônico

desses medicamentos, que mesmo controlados por receita especial podem apresentar problemas se usados indevidamente (NUNES; BASTOS, 2016).

A distribuição gratuita desses medicamentos psicotrópicos, pelo governo, contribui para o seu uso indiscriminado. Estudos relacionam também, o uso por trabalhadores que enfrentam longas jornadas de trabalho, que estão mais propensos ao estresse. Isso faz com que iniciem o uso dessas substâncias prematuramente e com o passar dos anos acabam ficando dependentes da mesma (MATTE; PLETSCHE, 2014).

Estudos tem verificado a prevalência do uso de psicotrópicos sem receita médica, haja vista que há achados de descuido no preenchimento das notificações de receita ou até mesmo falsificações com numeração repetida e conselho de médicos já falecidos (AZEVEDO; ARAÚJO; FERREIRA, 2016).

Quanto ao uso desses medicamentos em mulheres, as pacientes não são devidamente informadas sobre o risco do uso contínuo dessas substâncias, uma vez que nem o próprio médico consegue mensurar os riscos e benefícios, e com isso não explora outras alternativas, ficando o uso dessas substâncias como único recurso terapêutico (SOUZA; OPALEYE; NOTO, 2013).

Muitos médicos ainda não veem o uso dessas substâncias como sendo um problema de saúde pública, considerando esses medicamentos soluções mais eficazes do que outras não farmacológicas (FIORELLI; ASSINI, 2017).

Atualmente a Agência Nacional de Vigilância sanitária (Anvisa) é quem realiza o controle de consumo de benzodiazepínicos, pois surgiram preocupações devido ao crescente uso crônico. O farmacêutico é essencial no controle do uso abusivo destes medicamentos sendo o profissional ideal para prestar todas as orientações de forma clara e segura, dúvidas do paciente e dispensação correta, e assim, evitando problemas futuros com o uso do medicamento e melhorando a qualidade de vida (OLIVEIRA; LOPES; CASTRO, 2015).

É necessária a racionalização na venda dos ansiolíticos, e uma política de racionalização promovendo saúde e evitando a automedicação. Para isso médicos e farmacêuticos contribuem significativamente para a diminuição desses medicamentos através da orientação sobre as consequências do uso indevido dessas substâncias (MATTE; PLETSCHE, 2014).

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de estudo transversal e descritivo de abordagem quali-quantitativa realizado em alunos das Faculdades Integradas de Fernandópolis dos cursos da área da saúde. A população foi composta por 660 alunos dos 851 matriculados, do primeiro ao oitavo semestre (para os cursos de Nutrição, Fonoaudiologia e Biomedicina), do primeiro ao sexto semestre (para o curso de Estética e Cosmética) e do primeiro ao décimo semestre (para os cursos de Farmácia, Enfermagem, Fisioterapia e Psicologia), no período de 02 a 30 de setembro de 2019 e horário de aula (19:20 às 22:40), e nas Clínicas Integradas, Farmácia Escola e Laboratório de Análises Clínicas para os discentes em estágio.

Os que não responderam não estavam presentes no momento da aplicação do questionário ou se recusaram a participar da pesquisa.

Foram encontradas também algumas dificuldades para a aplicação do questionário uma vez que os alunos estavam em provas, trabalhos ou revisão para provas, o que também contribuiu para a abstenção em relação ao número de matriculados e que responderam ao questionário.

Inicialmente enviamos uma carta ao Diretor Acadêmico das Faculdades para que autorizasse a pesquisa com os discentes nas dependências da instituição.

Foi utilizado um questionário fechado de autopreenchimento e sem identificação pessoal do aluno, contendo 20 questões, aplicado a todos os alunos presentes e que aceitaram participar da pesquisa, sendo essa não obrigatória, porém todos que aceitaram participar assinaram um Termo de Livre Consentimento Esclarecido e a Carta de Informação da pesquisa.

Foi feita uma rápida explicação aos alunos sobre os objetivos da pesquisa e a necessidade de responderem com sinceridade ao questionário. Também esclarecemos algumas dúvidas dos alunos quanto à alguns termos como por exemplo o que são ansiolíticos, principalmente nos semestres iniciais.

No questionário aplicado em um primeiro momento foi abordado a identificação e dados sociodemográficos do aluno, no segundo momento contemplou questões sobre a ocorrência de ansiedade e o uso ou não de medicamentos psicoativos, tais como os ansiolíticos, antidepressivos, estabilizantes de humor ou antipsicóticos, em um terceiro momento sobre o conhecimento do usuário sobre o medicamento, se recebeu orientação, padrão de consumo e efeitos indesejáveis do medicamento.

Foi utilizado como critério de corte, os questionários em que o indivíduo declarou nunca ter usado e nem estar fazendo uso no momento de nenhuma substância ansiolítica.

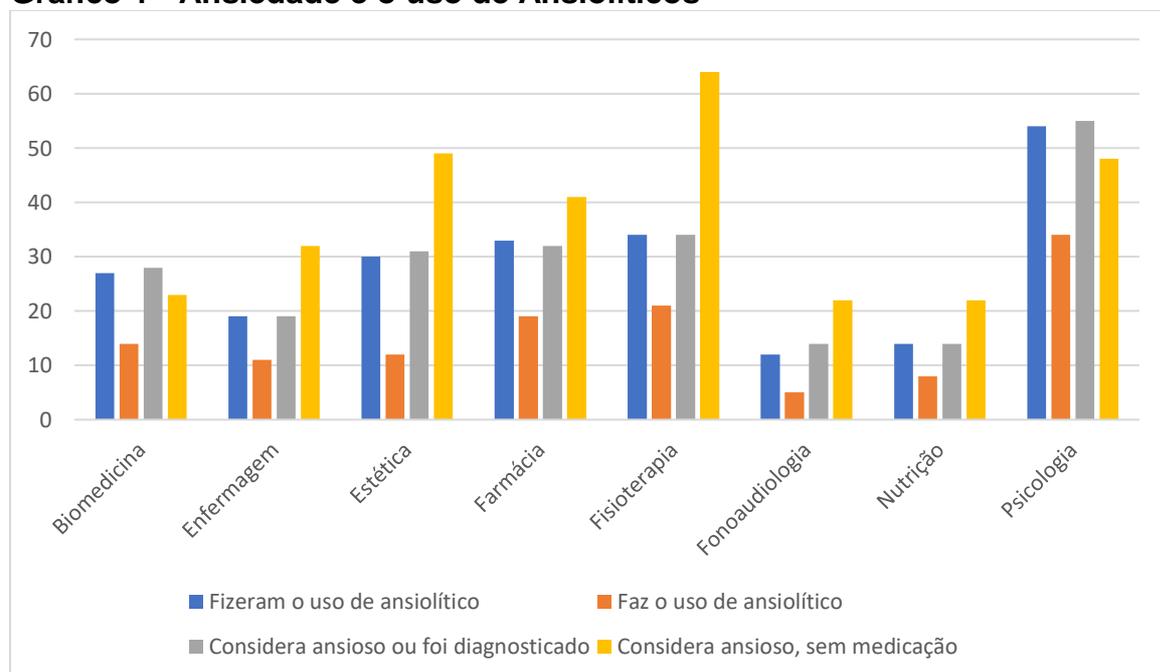
Os dados obtidos foram analisados, processados e armazenados em tabelas do Microsoft Office Word e Excel que posteriormente geraram os gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 660 estudantes participantes, 531 (80%) eram do sexo feminino e 129 (20%) pertenciam ao sexo masculino; 65 (10%) cursavam biomedicina; 60 (9%) cursavam enfermagem; 93 (14%) cursavam estética; 100 (15%) cursavam farmácia; 117 (18%) cursavam fisioterapia; 44 (7%) cursavam fonoaudiologia; 46 (7%) cursavam nutrição e 135 (20%) cursavam psicologia. A faixa etária dos estudantes variou de 17 anos aos 58 anos.

Sendo que dos 660 alunos que participaram do estudo, 124 (19%) estavam utilizando ansiolíticos no período em que a pesquisa foi realizada, 223 (34%) já utilizaram em algum momento de sua vida, 528 (80%) consideram ansiosos ou já foram diagnosticados e 301 (46%) consideram ansiosos ou já foram diagnosticados e não fazem uso e nem fizeram uso de medicamentos.

Gráfico 1 - Ansiedade e o uso de Ansiolíticos



Fonte: própria.

Ao analisar os dados e comparando os resultados entre os cursos é visto que os dados apresentados no **Gráfico 1** são semelhantes. Verifica-se que a quantidade de universitários que fizeram o uso de medicamentos é maior em relação aos que fazem o uso atualmente, notando que há igualdade nos resultados de todos os cursos pesquisados.

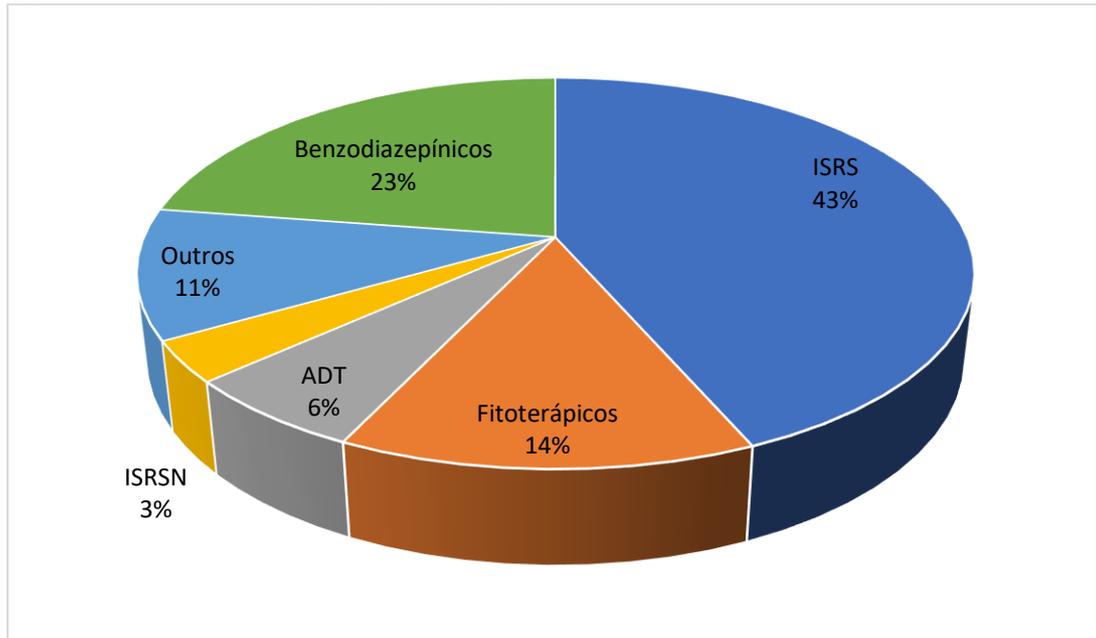
Quando se compara o número de estudantes que se consideram ou foram diagnosticados ansiosos sem medicação, este é maior na maioria dos cursos em relação aos que consideram ou foram diagnosticados ansiosos e fizeram ou fazem o uso de ansiolíticos. Ou seja, a maior parte dos discentes ansiosos não estão sob tratamento medicamentoso, haja vista a existência de outras terapias, porém não foram elucidadas neste trabalho.

Dado semelhante foi encontrado no estudo de Cassimiro (2012), onde dos 886 alunos, 704 não fazem o uso de psicofármacos.

Os discentes dos cursos da saúde necessitam de maior atenção por apresentarem níveis de ansiedade elevados, isso se deve ao “lidar” com o ser humano, o medo de cometer erros, o contato direto com o sofrimento psíquico e sentimentos de inadequação. É importante ressaltar também que esses estudantes lidam com situações altamente estressantes. Tais fatos causam conflitos e a exigência de um esforço e adaptação maior, levando os universitários a procurarem ajuda, sendo frequente o uso de psicofármacos muitas vezes até de forma indevida (MARCHI et al, 2013).

Ao interpretar os dados analisados, observa-se que o menor índice em relação a todos os cursos, foi dos estudantes que faz o uso de ansiolíticos atualmente. De acordo com esse resultado pode-se perceber um ponto divergente, pois o uso teria que ser maior, haja vista o alto índice de estudantes que se consideram ou foram diagnosticados ansiosos.

Gráfico 2 - Medicamentos ansiolíticos



Fonte: própria.

Na aplicação do questionário, os estudantes citaram o medicamento ansiolítico que fizeram ou faz o uso, visto que nem todos responderam por não se lembrarem o nome do medicamento.

A pesquisa sobre os medicamentos ansiolíticos que os estudantes utilizam teve como propósito identificar as principais classes de medicamento, bem como avaliar através da medicação o seu grau de ansiedade e até mesmo a possibilidade de identificar a associação entre ansiedade e depressão, como alguns citam fármacos antidepressivos com ação ansiolítica. Através da análise dos questionários, ocorreram casos em que universitários fez ou faz o uso de fármacos fitoterápicos e relatou não ter tido orientação e prescrição médica ao uso desses medicamentos percebendo - se que estes acreditam que por ser um medicamento natural, não traz prejuízos à saúde.

Os ansiolíticos mais utilizados foram da classe dos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) como o cloridrato de fluoxetina, sertralina e paroxetina, bromidrato de citalopram e oxalato de escitalopram, da classe dos benzodiazepínicos como o alprazolam, diazepam, clonazepam e lorazepam, os fitoterápicos como a *Passiflora incarnata* ou associada, os Antidepressivos Tricíclicos (ADT) como a amitriptilina, nortriptilina e clomipramina, os Inibidores da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina como o cloridrato de venlafaxina e duloxetina e o succinato de desvenlafaxina, dentre outros como: anticonvulsivantes, hipnóticos, homeopáticos, vibracionais, antipsicóticos atípicos (AA), estimulantes do sistema nervoso, relaxante

muscular, neuromoduladores, Inibidores da Recaptação de noradrenalina-dopamina, azapironas e antiepilépticos, conforme apresentado no **Gráfico 2**.

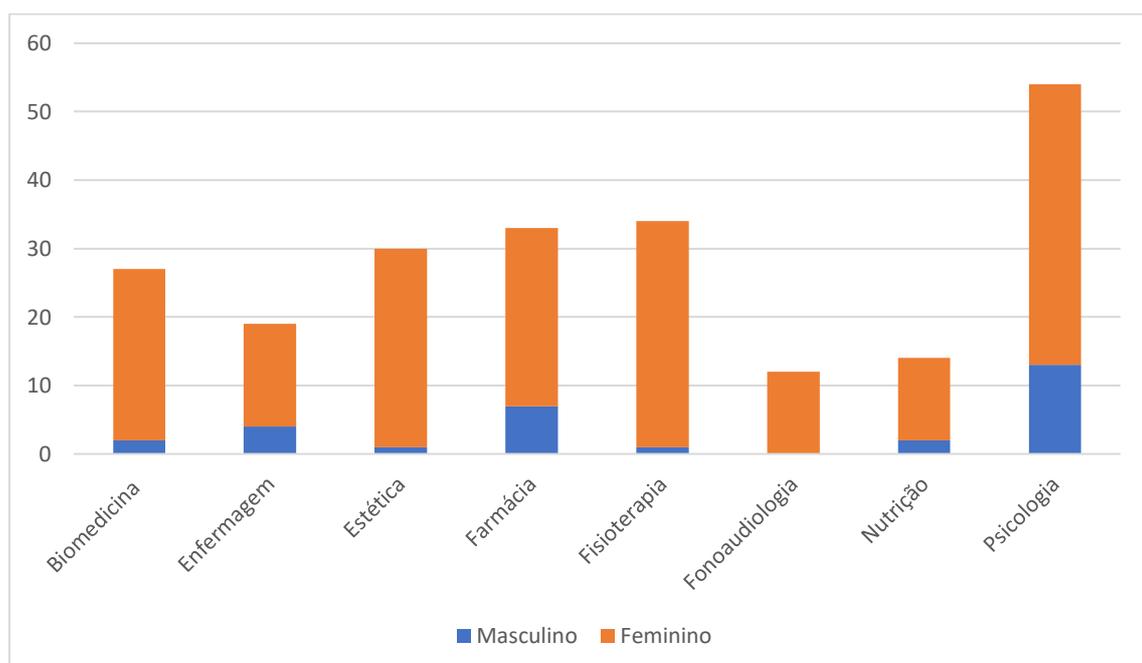
Observa-se também que em relação aos fármacos ansiolíticos mais usados pelos estudantes como mostrado acima, predomina o uso da classe dos benzodiazepínicos como o clonazepam e o alprazolam, e os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) como o cloridrato de sertralina e de fluoxetina. Conforme mostra também o estudo de Cassimiro (2012), em que os psicofármacos antidepressivos são os de maior incidência como os ISRS.

Os benzodiazepínicos agem diretamente no sistema nervoso central (SNC) alterando aspectos cognitivos e psicomotores, além disso, são considerados ansiolíticos sedativo-hipnóticos e também calmantes (MATTE; PLETSCHE, 2014).

Os ISRS são antidepressivos e apresentam propriedades ansiolíticas (NUNES; BASTOS, 2016).

Em estudo realizado por Carvalho (2017), a terapia medicamentosa demonstrou preponderância significativa em relação a outras terapias como comportamentais e integrativa complementar.

Gráfico 3 – Gênero dos discentes que fizeram o uso de ansiolíticos (n= 223)



Fonte: própria.

Dos alunos que fizeram o uso de ansiolíticos prevalecem estudantes do gênero feminino, correspondente a 193 participantes (87%) em relação ao gênero masculino com 30 (13%), havendo uma nítida diferença como mostrado no **Gráfico 3**.

A razão dessa assimetria deve-se ao fato de que as mulheres enfrentam mais fatores ansiogênicos que os homens, por possuir tarefas do lar, cuidar dos filhos e ainda trabalharem fora desencadeando ansiedade e conseqüentemente levando ao uso de ansiolíticos. A maior prevalência do uso desses medicamentos pelas mulheres também pode ser pelo fato de serem mais preocupadas com a sua saúde.

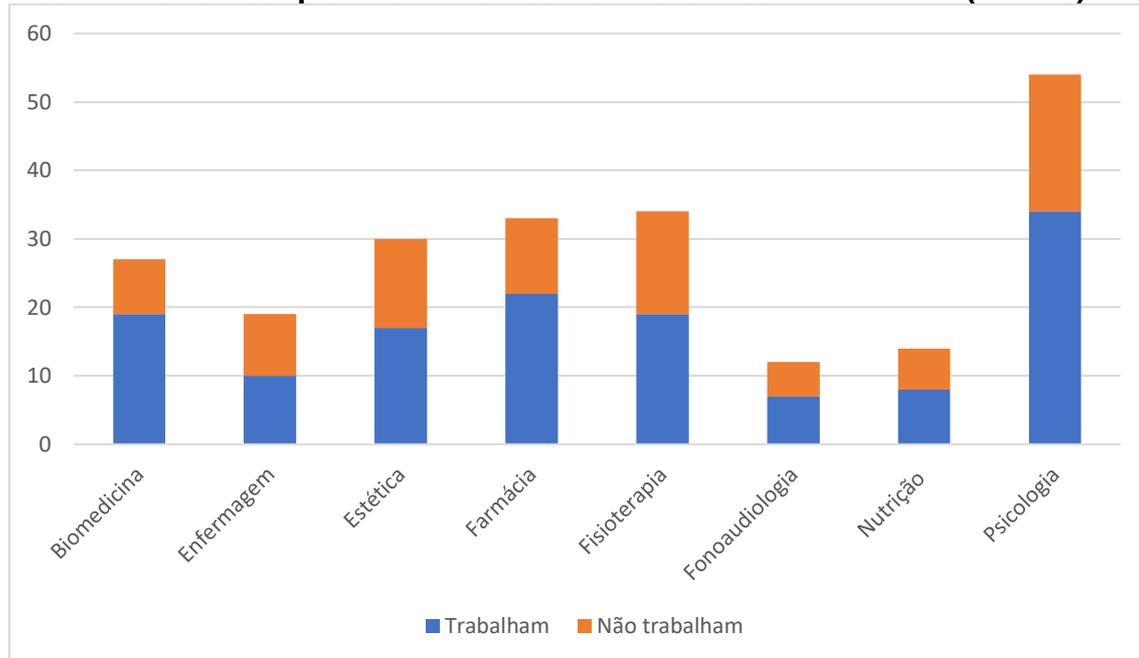
Os estudantes com tais fatores ansiogênicos passam por situações de defrontamento, se tornando inseguros e desconfortáveis diante dessa circunstância. Sendo assim, a ansiedade acaba afetando sua percepção, memória ou raciocínio e conseqüentemente debilitando seu desempenho geral (MARCHI et al, 2013).

O Estudo de Medeiros e Bittencourt (2017) reforça essa prevalência do sexo feminino no ambiente universitário. No estudo de Chaves (2015) o sexo feminino apresenta também maior nível de ansiedade do que o masculino, pois diferem entre si os sentimentos de ansiedade, sendo maior nas alunas devido a fatores biopsicossociais, como papel social e estado fisiológico.

O fato é que vivemos em uma sociedade em que a mulher precisa vencer muitos obstáculos para se ingressar em uma carreira que lhe permita independência social e econômica e enfrentando, assim, mais conflito que os homens, portanto, tendem a reagir com um grau maior de ansiedade em condições de pressão psicológica (COSTA et al, 2017).

Esses dados reforçam também o que se encontra presente em pesquisas onde apontam que as mulheres tem mais predisposição do que homens para desenvolver transtorno do pânico, transtorno obsessivo compulsivo ou transtorno de estresse pós-traumático. Isso se deve ao fato de que as mulheres naturalmente são mais ansiosas que os homens (MEDEIROS; BITTENCOURT, 2017).

Gráfico 4 - Discentes que fizeram o uso de ansiolíticos x trabalho (n= 223)



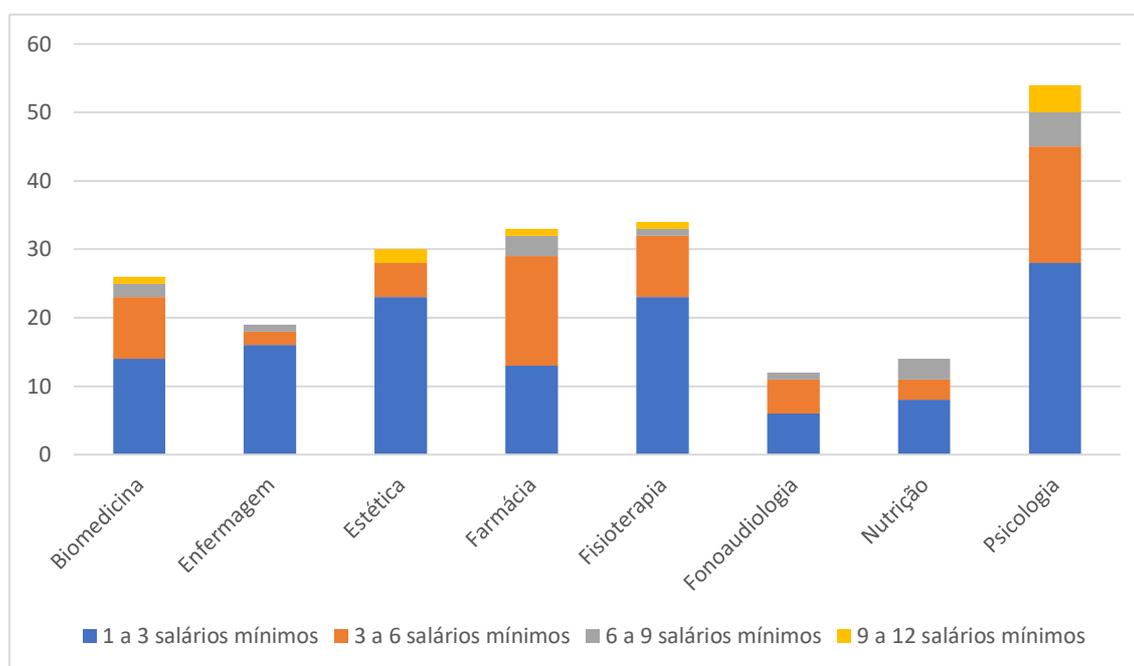
Fonte: própria.

Ao analisar os dados do **Gráfico 4**, é visto que em todos os cursos da área da saúde, a quantidade de estudantes que fizeram o uso de ansiolíticos e que trabalham é maior do que aqueles que não trabalham, sendo no curso de Biomedicina 19 estudantes (70%), Enfermagem 10 (53%), Estética 17 (57%), Farmácia 22 (67%), Fisioterapia 19 (56%), Fonoaudiologia 7 (58%), Nutrição 8 (57%) e Psicologia 34 (63%).

Observando esses índices pode-se perceber que a maioria dos estudantes trabalham e, assim, estão susceptíveis a terem mais quadros ansiosos pelo fato de não dedicarem tempo suficiente ao estudo e ficarem preocupados com seu desempenho na faculdade, podendo levar estes à procura de medicamentos ansiolíticos.

Esses dados foram compatíveis com o estudo de Medeiros e Bittencourt (2017) que constata resultados semelhantes aos da pesquisa, onde a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa trabalham (61%).

Gráfico 5 – Renda dos discentes que fizeram o uso de ansiolíticos (n=222)



Fonte: própria.

De acordo com a renda salarial familiar dos estudantes que fizeram ou faz o uso de medicamentos ansiolíticos, o **Gráfico 5**, aponta o predomínio da renda de 1 a 3 salários mínimos. Esses resultados foram de 14 pessoas (54%) no curso de biomedicina; 16 (84%) na enfermagem; 23 (77%) na estética; 13 (39%) na farmácia; 23 (68%) na fisioterapia; 6 (50%) na fonoaudiologia; 8 (57%) na nutrição e 28 (52%) na psicologia.

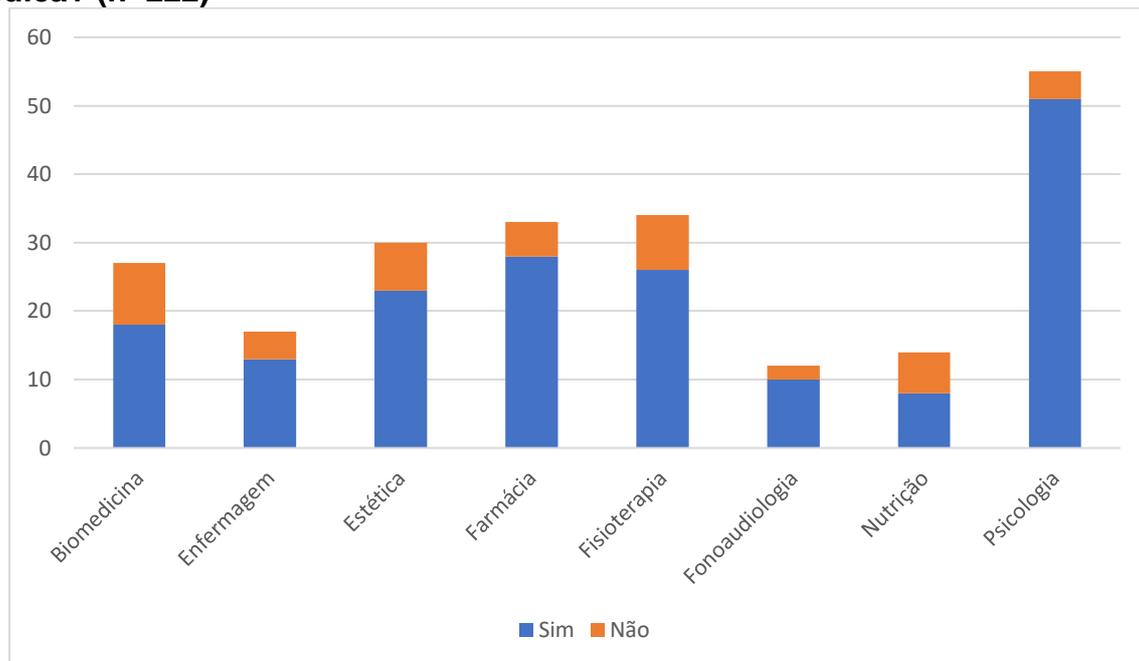
Observando os resultados, o único curso que apresentou porcentagens abaixo da metade foi à farmácia enquanto os outros, todos tiveram índices superiores.

No estudo de Carvalho (2017) houve predomínio de renda familiar entre 1000 a 3000 reais, dados esses semelhantes a essa pesquisa.

Embasando-se nos índices é notório que a renda baixa da maioria dos estudantes pode ter evolução de quadros ansiosos, pois estes além de estar cursando o ensino superior, tem a necessidade de saber controlar os gastos e, assim, gerando preocupação e possivelmente ansiedade.

Além disso, a sociedade passa por períodos estressantes no ambiente de trabalho devido à má remuneração, desmotivação e longas horas de trabalho, contribuindo para o uso de medicamentos ansiolíticos (SOUZA; OPALEYE; NOTTO, 2013).

Gráfico 6 - O uso do(s) medicamento(s) foi ou está sob orientação e prescrição médica? (n=222)



Fonte: própria.

No que tange a orientação quanto ao uso dos medicamentos ansiolíticos pelos discentes, quando questionados a maioria responderam que receberam a devida orientação pelo profissional prescriptor (médico), em todos os cursos conforme se observa no gráfico acima.

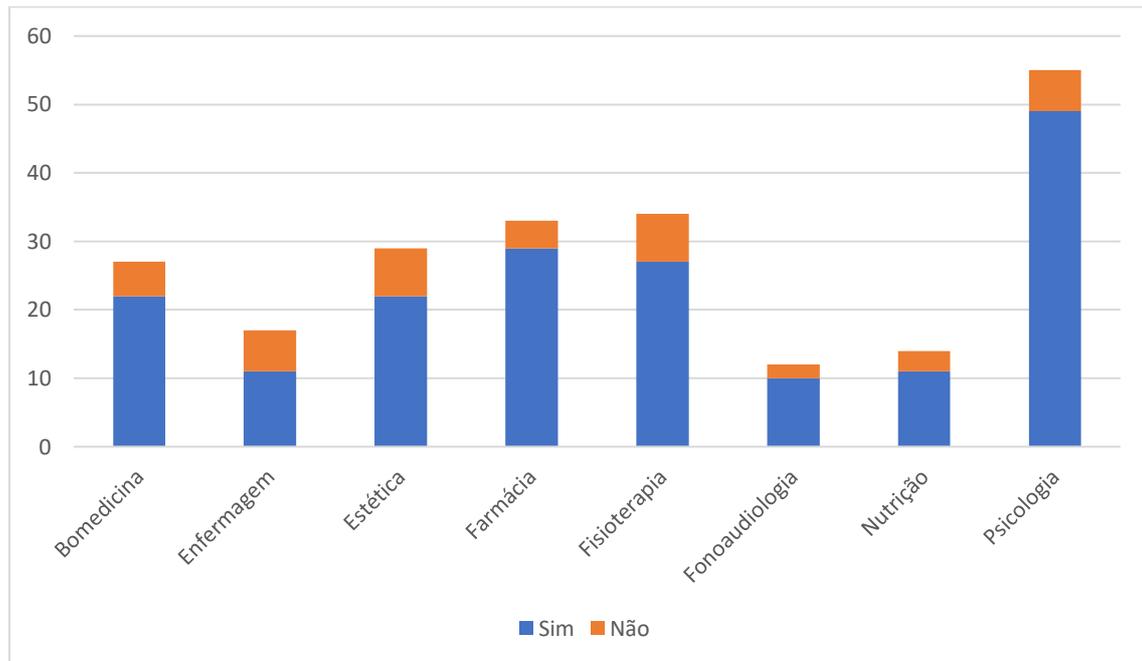
Sendo que na Biomedicina 18 estudantes (67%) receberam orientação e prescrição médica; na enfermagem 13 (76%); na estética 23 (77%); na farmácia 28 (85%); na fisioterapia 26 (76%); na fonoaudiologia 10 (83%); na nutrição 8 (57%) e na psicologia 51 (93%).

Segundo Fávero (2017), 14,3 % dos homens e 16,7% das mulheres já utilizaram ansiolíticos sem prescrição médica e relacionando o total de entrevistados, apenas 15,6% relataram terem consumido sem prescrição, dados que condiz com a pesquisa.

Cassimiro (2012) em seu estudo destaca também que apenas 21% do total de psicofármacos estavam sendo usados sem prescrição médica.

Embora a questão em si trata do papel do médico, no que diz respeito a orientação, outros profissionais também podem auxiliar o paciente. O farmacêutico por exemplo é um deles estando apto a informar, aconselhar e educar o paciente de modo a promover o uso racional de medicamentos psicotrpicos (AUCHEWSKI et al, 2004).

Gráfico 7 - O aluno tem conhecimento dos riscos e efeitos que o (s) medicamento (s) pode(m) trazer à sua saúde sem orientação médica? (n=221)



Fonte: própria.

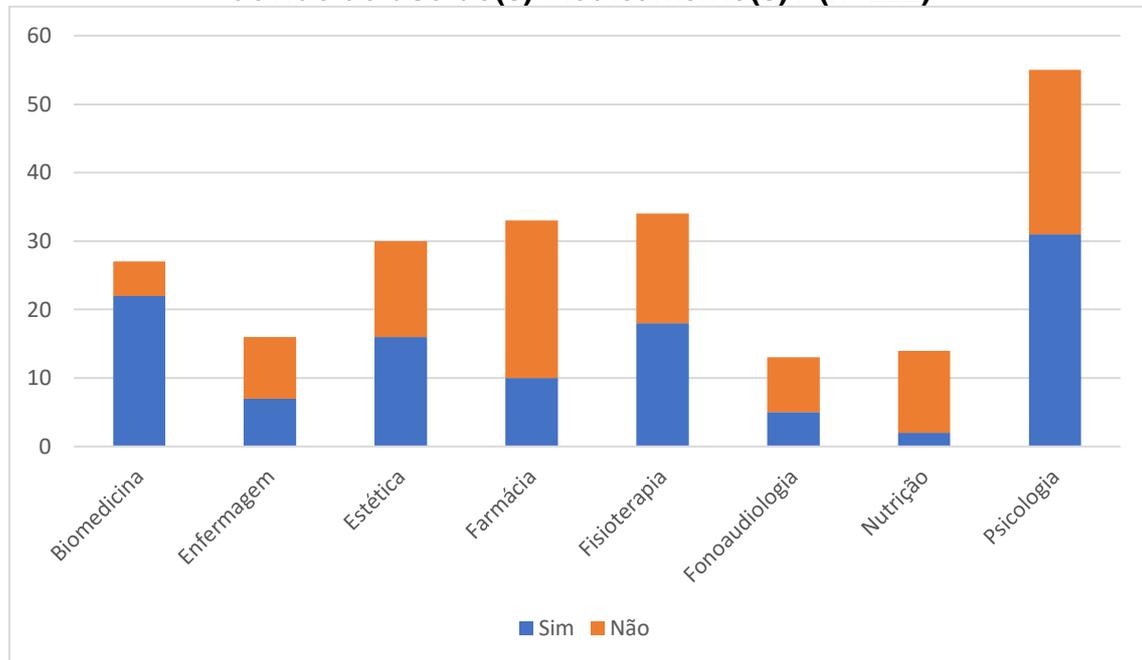
No **Gráfico 7**, foi feito um levantamento acerca do conhecimento dos estudantes devido os riscos que os ansiolíticos podem trazer a saúde sem a devida orientação médica. Os índices revelam em todos os cursos, resultados promissores. É importante salientar que devido à pesquisa ser direcionada a área da saúde, o conhecimento dos estudantes em relação aos riscos que esses medicamentos podem causar é imprescindível. E conforme apontou o estudo esse resultado foi significativo, estando a maioria cientes dos riscos.

O estudo realizado por Marchi (2013) mostra que a maior parte dos estudantes recebeu orientações acerca dos efeitos colaterais e interações medicamentosas do uso de ansiolíticos. A maioria dos participantes cita que a orientação é importante para aumentar a confiança, segurança e efetividade da terapia e consequentemente minimizar os efeitos colaterais e interações medicamentosas.

Além disso, o conhecimento do padrão de consumo das substâncias psicoativas que esses futuros profissionais irão adquirir na sua trajetória acadêmica, é importante pelo fato de esses profissionais serem responsáveis por passar essas informações para a população. E pelo motivo de estes estudantes possuírem um maior conhecimento das substâncias psicoativas e terem facilidade no acesso a estas, torna-se um grupo mais vulnerabilizado (TEIXEIRA et al, 2008).

O profissional farmacêutico ao prestar as orientações se torna essencial pela razão de que o paciente ao ir ao estabelecimento para adquirir o medicamento geralmente não tem nenhuma informação sobre a prescrição médica e nem o conhecimento sobre o medicamento prescrito sendo assim o farmacêutico indispensável para prestar a atenção e assistência farmacêutica (OLIVEIRA; LOPES; CASTRO, 2015).

Gráfico 8 - Em algum momento apresentou efeitos adversos ou indesejáveis devido ao uso do(s) medicamento(s)? (n=222)



Fonte: própria.

Na pesquisa, foi abordada uma questão sobre os efeitos adversos ou indesejáveis devido ao uso de ansiolíticos. Os resultados do Gráfico 8, revelam discrepância nos índices em relação aos cursos pesquisados.

Enquanto nos cursos de enfermagem, farmácia, fonoaudiologia e nutrição a maioria dos estudantes revelaram não terem apresentados tais efeitos, nos cursos de biomedicina, estética, fisioterapia e psicologia grande parte relataram ter apresentados efeitos adversos ou indesejáveis em algum momento durante o uso do medicamento.

Com relação a esses dados é perceptível sobre os malefícios que esse tipo de medicamento pode causar a saúde e podendo ainda piorar esse quadro com a utilização do medicamento por conta própria sem a devida orientação médica.

É importante ressaltar que a orientação médica relacionada ao uso de benzodiazepínicos é um fato que ajuda a diminuir a incidência dos efeitos colaterais.

Ainda que a orientação médica e o conhecimento dos pacientes sobre os efeitos colaterais dos benzodiazepínicos é uma ideia distante da realidade, porém a orientação é um fator expressivo para diminuir erros e aumentar a adesão ao tratamento (MARCHI et al, 2013).

Auchewski (2004) em seu estudo destaca que a orientação médica sobre os efeitos colaterais dos benzodiazepínicos está longe de ser a ideal. E ressalta que o uso prolongado ou abusivo de benzodiazepínicos causam sérias consequências ao organismo.

Ainda no estudo de Marchi (2013), foi constatado que apesar de maioria dos estudantes (75%) terem sido orientadas, 44% ainda têm dúvidas sobre interação entre fármacos e efeitos colaterais.

Em seu trabalho Auchewski (2004) ressalta que a metodologia usada na pesquisa se baseou na lembrança do paciente, mostrando que mesmo com uma orientação médica acerca dos efeitos colaterais dos benzodiazepínicos, estes podem não se recordar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há prevalência de ansiedade entre os universitários, e por isso a importância de mais estudos sobre essa temática com os estudantes.

Também ocorre a preocupação quanto ao uso de ansiolíticos em relação à classe desses medicamentos, uma vez que muitos estão utilizando medicamentos com alto potencial para causar dependência.

Outra preocupação se dá no sentido dos discentes não receberem orientação quanto ao uso, riscos e efeitos indesejáveis dos medicamentos utilizados. Reforçando a importância de conscientização e da orientação por parte dos profissionais para que se obtenha êxito na terapia e minimize os riscos e efeitos adversos.

Para tanto é preciso adesão ao tratamento, sem interrupções das doses ou aumento, evitando a abstinência, a dependência, abusos e possíveis interações, a fim de que o fármaco seja efetivo e seguro.

É sabido que a ansiedade é importante para o crescimento do indivíduo, para que se adapte às adversidades e crie estratégias para lidar com situações que envolvam mudanças, porém se torna patológica quando causa sofrimento e prejuízos.

É importante que as universidades ofereçam serviços de orientação ao aluno, sendo que estes serviços têm o propósito de apoiar os alunos em questões acadêmicas, pessoais e vocacionais e ainda na identificação de algum tipo de problema e, assim, prestando a assistência necessária.

Portanto faz-se necessário a criação de núcleo de atendimento ao aluno, uma vez que a faculdade já dispõe de clínicas integradas e já oferece atendimento à comunidade. Porém, seria fundamental trabalhos direcionados às necessidades dos seus estudantes não somente da área da saúde, mas também de outras áreas. Com práticas integrativas e complementares como o yoga, o reiki, a psicologia, massagens, acupuntura, entre outras.

Cabe aos gestores da instituição essa preocupação para com seus alunos, junto aos coordenadores e professores para a criação desse núcleo de atendimento, para uma intervenção na formação profissional a fim de que os acadêmicos se sintam acolhidos e desenvolvam seu potencial e autonomia, para que sejam multiplicadores do uso racional de medicamentos e de informações de cunho educativo para os seus pacientes.

Cada profissão pode contribuir para a melhora da qualidade de vida dos estudantes, e trabalhando multiprofissionalmente o resultado é mais rápido e eficaz.

Devemos ressaltar também a participação dos pais na vida desses jovens acadêmicos para que se sintam seguros e apoiados o que com certeza contribui para a diminuição desses quadros patológicos de ansiedade.

Os futuros profissionais da saúde precisam entender que é necessário se autoconhecer, cuidar de si para cuidar do outro.

Mais uma vez salienta-se sobre a importância de estudos mais aprofundados acerca da relação ansiolíticos-ansiedade-universitários, inclusive em outras áreas como humanas e exatas, já que a ansiedade pode interferir diretamente no desenvolvimento do acadêmico de forma desfavorável, diminuindo a sua qualidade de vida e bem-estar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(5); 2533-2538, 2010.

AUCHEWSKI, Luciana; ANDREATINI, Roberto; GALDURÓZ, José Carlos F.; LACERDA, Roseli Boerngen de. Avaliação da orientação médica sobre os efeitos colaterais de benzodiazepínicos. Rev. Bras. Psiquiatr 2691); 24-31, 2004.

AZEVEDO, Ângelo José Pimentel de; ARAÚJO, Aurigena Antunes de; FERREIRA, Maria Ângela Fernandes. Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras. Ciência & Saúde Coletiva, 21(1), 83-90, 2016.

BORTOLUZZI, Marcelo Carlos; CAPELLA, Diogo Lenzi; TRAEBERT, Jefferson; PRESTA, Andréia Antoniuk. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários em cidade do sul do Brasil. Arquivos de Medicina. Investigação Original, 2012;26[1]: 11-17.

CARDOZO, Mayara Quadros; GOMES, Karin Martins; FAN, Lee Gi; SORATTO, Maria Tereza. Fatores associados à ocorrência de ansiedade dos acadêmicos de Biomedicina. Saúde e Pesquisa, Maringá (PR) DOI: <http://dx.doi.org/10.177651/1983-1870.2016v9n2p251-262>.

CARVALHO, Marina Conceição Peres; JUNQUEIRA, Lilian Graziela; CERDEIRA, Cláudio Daniel; COSTA, Ana Maria Duarte Dias; SANTOS, Gérsika Bitencourt. Levantamento da situação de saúde mental e uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos do curso de odontologia de uma universidade do Sul de Minas Gerais. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v.15, n.1, p. 489-496, jan/jul. 2017.

CASSIMIRO, Eber Eustáquio. Frequência do uso de psicofarmacos entre jovens estudantes que cursam pré-vestibular. Adolesc. Saúde, Rio de Janeiro, v.9, n.4, p.27-36, out/dez. 2012.

CHAVES, Erika de Cássia Lopes; IUNES, Denise Hollanda; MOURA, Caroline de Castro; CARVALHO, Leonardo César; SILVA, Andréia Maria; CARVALHO, Emília Campos de. Ansiedade e espiritualidade em estudantes universitários: um estudo transversal. Rev. Bras. Enferm. 68(3), 504-9, mai-jun, 2015.

COSTA, Kercia Mirely Vieira; SOUSA, Kátia Regis da Silva; FORMIGA, Priscila de Araújo; SILVA, Wandina Soares; BEZERRA, Eduardo Breno Nascimento. Ansiedade em universitários na área da saúde. II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde, 2017.

FÁVERO, Viviane Rosset; SATO, Marcelo del Olmo; SANTIAGO, Rosine Martins. Uso de ansiolíticos: abuso ou necessidade? Visão Acadêmica, Curitiba, v.18, n.4, out.-dez./2017.

FIORELLI, Katiana; ASSINI, Fabricio Luiz. A prescrição de benzodiazepínicos no Brasil: uma análise da literatura. ABCS Health Sci, 42(1), 40-44, 2017.

MARCHI, Katia Colombo; BÁRBARO, Alessandra Marino; MIASSO, Adriana Inocenti; TIRAPELLI, Carlos Renato. Ansiedade e consumo de ansiolítico entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. Rev. Eletr. Enf. [Internet].2013 jul/set, 15(3); 731-9, 2013.

MATTE, Tatiane Sinara; PLETSCHE, Marilei Uecker. Abordagem sobre o uso irracional de benzodiazepínicos no Brasil. XXII Seminário de Iniciação Científica. Unijuí, 2014.

MEDEIROS, Palloma Prates; BITTENCOURT, Felipe Oliveira. Fatores associados à ansiedade em estudantes de uma faculdade particular. *Id on Line Rev. Psic.* V.10, N. 33, Janeiro/2017 - ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>.

NUNES, Bianca Silva; BASTOS, Fernando Medeiros. Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos. *Saúde & Ciência em Ação – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde*, v.3, n.01, Agosto-Dezembro 2016.

OLIVEIRA, Joana Darc Lima de; LOPES, Lisiane Amim Mota; CASTRO, Geane Freitas Pires de. Uso indiscriminado dos benzodiazepínicos: a contribuição do farmacêutico para um uso consciente. 2015.

SOUZA, Ana Rosa Lins de; OPALEYE, Emérita Sátiro; NOTO, Ana Regina. Contexto e padrões do uso indevido de benzodiazepínicos entre mulheres. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(4), 1131-1140, 2013.

TEIXEIRA, Andréia Fernandes; ALIANE, Poliana Patrício; RIBEIRO, Luiz Cláudio; RONZANI, Telmo Mota. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Goianá, MG. *Estudos de Psicologia*, 14(1), Janeiro-Abril/2009, 51-57.

TEIXEIRA, Renata Frossard; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3); 655-662, 2008.